

FORTALEZA DIGITAL

DAN BROWN



SEXTANTE

**Para meus pais...
meus mentores e heróis**

A G R A D E C I M E N T O S

Tenho uma dívida de gratidão com meus editores da St. Martin Press, Thomas Dunne e a talentosa Melissa Jacobs. Agradeço também aos meus agentes em Nova York, George Wieser, Olga Wieser e Jake Elwell. A todos aqueles que leram e contribuíram para melhorar o manuscrito ao longo da jornada. Especialmente à minha mulher, Blythe, por seu entusiasmo e paciência.

Além disso, um agradecimento discreto para os dois criptógrafos anônimos, ex-membros da NSA (Agência de Segurança Nacional), que contribuíram de forma inestimável através de e-mails anônimos. Sem eles, este livro não poderia ter sido escrito.

P r ó l o g o

*Plaza de España
Sevilha, Espanha
11h da manhã*

Dizem que, quando chega a hora da morte, tudo se torna claro. Ensei Tankado sabia agora que isso era verdade. Quando caiu no chão com fortes dores, apertando o peito com a mão, percebeu a dimensão terrível do seu erro.

Algumas pessoas se aproximaram, cercando-o e tentando ajudar. Mas Tankado não queria ajuda. Era tarde demais.

Levantou a mão esquerda, tremendo, e esticou os dedos. *Olhem para a minha mão!* As pessoas em volta olhavam, mas ele percebia que não estavam entendendo.

Em um de seus dedos havia um anel dourado entalhado. Por um breve instante, as inscrições do anel reluziram ao sol da Andaluzia. Ensei Tankado sabia que essa seria a última luz que jamais veria.

CAPÍTULO 1

Estavam no seu hotel preferido nas Smoky Mountains. David olhava para ela, sorrindo.

– Então, querida, o que me diz? Vamos nos casar?

Deitada na cama, ela devolveu o olhar. Aquele era o homem certo. Para sempre. Enquanto admirava seus profundos olhos verdes, em algum lugar distante uma campainha começou a tocar. Ela tentou abraçá-lo, mas seus braços encontraram apenas o vazio.

O ruído do telefone acabou despertando Susan Fletcher do seu sonho. Ela suspirou, sentou-se na cama e tateou em volta, procurando o telefone.

– Alô?

– Oi, Susan, é o David. Eu te acordei?

Ela sorriu, rolando na cama.

– Estava sonhando com você. Vem pra cá ficar comigo...

Ele riu.

– Ainda está escuro lá fora.

– Humm – ela murmurou, sensualmente –, então você tem *mesmo* que vir pra cá. Vamos brincar. Podemos dormir um pouco antes de viajar.

David soltou um suspiro de frustração.

– É por isso que estou ligando. Vamos ter que adiar nossa viagem.

Susan acordou totalmente, como se tivesse levado um soco.

– O quê?

– Mil desculpas. Vou ter que viajar, mas volto amanhã. Podemos partir para as montanhas bem cedo e ainda teremos dois dias.

– Mas já fiz as reservas – disse Susan, contrariada. – Consegui nosso quarto predileto no Stone Manor.

– Eu sei, mas é que...

– Essa é uma data *especial*, íamos comemorar nossos seis meses. Você *ainda* lembra que estamos noivos, não é?

– Susan, não posso explicar os detalhes agora – ele suspirou. – Eles mandaram um carro que está me esperando lá fora. Ligo do avião e explico tudo depois.

– *Avião?* – perguntou, espantada. – O que está acontecendo? Por que a sua universidade...?

– Não é a universidade. Ligo depois e explico. Preciso ir agora, estão me chamando. Entro em contato assim que puder, prometo.

– David! – ela gritou. – O que está...

Ele já havia desligado.

Susan Fletcher ficou acordada durante horas, esperando que ele ligasse, mas o telefone não tocou.



Mais tarde, naquela mesma manhã, Susan sentia-se abandonada. Resolveu tomar um banho. Entrou na banheira e afundou a cabeça na água, tentando esquecer o Stone Manor e as Smoky Mountains. *Onde será que ele está? Por que não ligou ainda?*

Aos poucos, a água quente foi ficando morna, depois fria, e ela estava se preparando para sair do banho quando o telefone deu sinal de vida. Levantou-se com pressa, espalhando água pelo chão enquanto agarrava o aparelho que havia deixado sobre a pia.

– David?

– Não, é Strathmore – respondeu a voz do outro lado.

Susan desmoronou.

– Ah... – Foi incapaz de esconder seu desapontamento. – Boa tarde, comandante.

– Você estava esperando alguém mais jovem, talvez? – ele respondeu, brincando.

– Não, senhor – disse Susan, desconcertada. – Não foi o que eu...

– Claro que sim! – ele disse, rindo. – David Becker é um bom sujeito. Não o deixe escapar.

– Obrigada, senhor.

O comandante mudou de tom e falou com uma voz grave:

– Susan, estou ligando porque preciso de você aqui. Imediatamente.

Ela tentou se concentrar.

– É sábado, senhor. Em geral nós não...

– Eu sei – ele disse calmamente. – Mas é uma emergência.

Susan sentou-se. *Emergência?* Era a primeira vez que ouvia o comandante Strathmore dizer isso. *Uma emergência? No Departamento de Criptografia?* Não conseguia imaginar o que poderia ser.

– S-sim, senhor. – Fez uma pausa. – Vou chegar aí o mais rápido possível.

– Não demore – disse Strathmore e desligou.

De pé, enrolada na toalha, Susan ficou olhando as gotas de água caírem sobre as roupas que havia cuidadosamente separado na noite anterior – shorts para usar em caminhadas, um suéter para as tardes frias da montanha e a nova lingerie que comprara para as noites tórridas. Deprimida, foi até o armário pegar uma blusa e uma saia. *Uma emergência?*

Enquanto descia as escadas, ela pensava no que mais poderia dar errado naquele dia.

Em breve iria descobrir.

CAPÍTULO 2

Trinta mil pés acima das águas plácidas do oceano, David Becker fixava o olhar, abatido, através da pequena janela oval do Learjet 60. O telefone de bordo não estava funcionando, e ele não pôde ligar para Susan.

O que estou fazendo aqui?, resmungou para si mesmo. A resposta era simples: há pessoas para as quais não se diz “não”.

– Sr. Becker – disse uma voz pelo alto-falante –, chegaremos dentro de meia hora.

Becker balançou a cabeça melancolicamente ao ouvir a voz invisível. *Excelente*. Fechou a proteção da janela e tentou dormir. Mas só conseguia pensar em Susan.

CAPÍTULO 3

Susan parou seu Volvo logo abaixo da cerca de arame farpado de três metros de altura. Um jovem guarda apoiou as mãos no teto do carro.

– Sua identificação, por favor.

Susan lhe entregou o documento e olhou para o infinito, enquanto esperava o guarda passar seu cartão por um leitor computadorizado.

– Obrigado, senhorita Fletcher. – O guarda fez um sinal discreto, e o portão se abriu.